

Estudo do livro de Gálatas

Os gálatas, que habitavam a parte da Ásia que recebeu o seu nome, foram divididos em três principais nações e conseqüentemente ocupavam três cidades que exerciam hegemonia. Houve um tempo em que exerceram tanto poder sobre seus pacíficos vizinhos que uma grande parte da Ásia Menor se lhes tornou tributária. Por fim sua coragem herdada decaiu e se entregaram ao prazer e à luxúria. E assim foram derrotados na guerra e facilmente subjugados por um cônsul romano.

Nos dias de Paulo, os gálatas encontravam-se sob o domínio romano. Ele os instruíra fielmente no genuíno evangelho, mas falsos apóstolos, em sua ausência, penetraram e corromperam a verdadeira semente por meio de dogmas falsos e corruptos. Porquanto ensinavam que a observância de cerimônias ainda era indispensável. Isso pode aparentar trivialidade; mas Paulo luta por essa tese como por um artigo fundamental da fé cristã. E na verdade o é, pois nem a mais leve nocividade deve extinguir o resplendor do evangelho, armar cilada às consciências e remover a distinção entre o antigo e o novo pacto. Ele percebeu que tais erros estavam também relacionados com uma opinião impiamente destrutiva sobre o merecimento de justiça. E essa é a razão por que ele luta com tanta perseverança. Quando tivermos compreendido quão significativa e séria é essa disputa, então haveremos de estudá-la com uma atenção muito mais aguçada.

Se alguém avaliar o tema sem muita atenção, então se admirará de Paulo ter feito tanto rebuliço em torno de alguns ritos externos. Mas quem quer que se volta para a fonte mesma haverá de reconhecer que houve corretas razões para reprovações tão veementes. Os gálatas, levados por sua excessiva credulidade e insensatez, haviam se desviado do curso certo. Eis por que o apóstolo os censura tão severamente. Os efésios e os colossenses haviam igualmente sido tentados e não foi propriamente a natureza daquelas pessoas que tomava o apóstolo tão pronto a repreendê-las, e, sim, a vergonha da questão em si mesma.

Gálatas 1

Gálatas 1:1-5 Paulo, apóstolo, não da parte de homens, nem por intermédio de homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai, que o ressuscitou dentre os mortos, e todos os irmãos meus companheiros, às igrejas da Galácia, graça a vós outros e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do [nosso] Senhor Jesus Cristo, o qual se entregou a si mesmo pelos nossos pecados, para nos desarraigat deste mundo perverso, segundo a vontade de nosso Deus e Pai, a quem seja a glória pelos séculos dos séculos. Amém!

No decorrer dos cerca de trinta anos que se passaram entre a sua conversão perto de Damasco e a sua prisão em Roma, o apóstolo Paulo viajou muito pelo Império como embaixador de Jesus Cristo. Em suas três famosas viagens missionárias ele pregou o evangelho e plantou igrejas nas províncias da Galácia, Ásia, Macedônia (norte da Grécia) e

Acaia (sul da Grécia). Além disso, suas visitas eram seguidas de cartas, com as quais ele ajudava a supervisionar as igrejas que fundara.

Uma dessas cartas, que muitos creem ser a primeira escrita por ele (cerca de 48 ou 49 d.C), é a Epístola aos Gálatas. Ela foi dirigida às igrejas da Galácia (versículo 2), fazendo referência à parte sul da província, e particularmente às quatro cidades da Pisídia: Amioquia, Icônio, Lisíia e Derbe, que Paulo evangelizou durante a sua primeira viagem missionária, narrada nos capítulos 13 e 14 de Atos.

Em cada cidade havia agora uma igreja, No Novo Testamento fica claro que a chamada "igreja de Deus" (Gl 1:13), a igreja universal, divide-se em "igrejas" locais. Não, evidentemente, em denominações, mas em congregações.

Estas igrejas eram agrupadas por motivos geográficos e políticos.

Já no primeiro parágrafo de sua carta aos gálatas, Paulo menciona dois temas aos quais ele irá retornar constantemente: seu apostolado e o seu evangelho.

No mundo antigo todas as cartas começavam com o nome do autor, seguindo-se o nome do destinatário e uma saudação ou mensagem.

Nesta epístola aos Gálatas, no entanto, Paulo se estende mais do que era costume naquele tempo e mais do que costumava fazer em suas outras cartas, tanto na apresentação de suas credenciais como autor quanto na sua saudação. Ele tinha bons motivos para fazê-lo.

Desde sua visita àquelas cidades da Galácia, as igrejas que ele havia estabelecido vinham sendo perturbadas por falsos mestres. Esses homens desencadearam um poderoso ataque contra a autoridade do evangelho de Paulo. Eles contestavam o evangelho da justificação pela graça somente pela fé, insistindo em que para se obter a salvação era necessário algo mais do que a fé em Cristo. Era preciso circuncidar-se, diziam, e guardar a lei de Moisés (veja Atos 15:1,5). Tendo atacado o evangelho de Paulo, continuavam minando também a sua autoridade.

- "Quem é esse tal de Paulo, afinal de contas?", perguntavam desdenhosamente.
- "Certamente não foi um dos doze apóstolos de Jesus. E, até onde sabemos, também não recebeu autorização alguma de ninguém. Ele não passa de um impostor que se nomeou a si mesmo."

Paulo percebe claramente os perigos desse duplo ataque, e por isso lança, bem no começo da Epístola, uma declaração de sua autoridade apostólica e do seu evangelho da graça. Mais adiante ele irá desenvolver estes temas; observe, porém, como ele começa: Paulo, apóstolo (não um impostor)... Graça a vós. Estes dois termos, "apóstolo" e "graça", eram palavras muito significativas nessa situação e, se nós as entendermos corretamente, captaremos os dois assuntos principais da Epístola aos Gálatas.

1. A Autoridade de Paulo (vs. 1, 2)

Gálatas 1:1-2 Paulo, apóstolo, não da parte de homens, nem por intermédio de homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai, que o ressuscitou dentre os mortos, e todos os irmãos meus companheiros, às igrejas da Galácia.

Paulo reivindica para si exatamente aquele título que os falsos mestres estavam evidentemente lhe negando. Ele era um apóstolo, um apóstolo de Jesus Cristo. O termo já possuía uma conotação exata.

Para os judeus a palavra estava bem definida: significava um mensageiro especial, com um status especial, desfrutando uma autoridade e um comissionamento que procediam de um organismo mais elevado que ele próprio.

Foi esse o título que Jesus usou para seus representantes especiais ou delegados. Dentre o grande grupo de discípulos ele escolheu doze, chamou-os de "apóstolos" e, então, enviou-os a pregar (Lc 6:13; Mc3:14). Eles foram pessoalmente escolhidos, chamados e comissionados por Jesus Cristo e autorizados a ensinar em nome dele. O Novo Testamento evidencia claramente que esse grupo era pequeno e único, A palavra "apóstolo" não era uma palavra comum, que pudesse ser aplicada a qualquer cristão como as palavras "crente", "santo" ou "irmão".

Era um termo especial reservado aos doze e a um ou dois outros que o Cristo ressuscitado designara pessoalmente. Portanto, não pode haver sucessão apostólica, a não ser a lealdade à doutrina apostólica do Novo Testamento. Os apóstolos não tiveram sucessores. Pela natureza do caso, ninguém poderia sucedê-los. Eles foram únicos.

Paulo reivindicava pertencer a esse grupo escolhido de apóstolos.

Deveríamos nos acostumar a chamá-lo de 'apóstolo Paulo' e não de "São Paulo", pois, no linguajar do Novo Testamento cada cristão é um santo, enquanto que nenhum cristão da atualidade é um apóstolo.

Observe como Paulo se diferencia claramente dos outros cristãos que estavam com ele na ocasião em que escrevia a carta. Ele os chama, no versículo 2, de todos os irmãos meus companheiros. Embora tenha prazer em associá-los a ele na saudação, Paulo desembaraçadamente coloca-se em primeiro lugar, dando a si mesmo um título que é negado aos outros. Eles são todos "irmãos"; ele, único entre os demais, é "um apóstolo".

Paulo não nos deixa dúvidas quanto à natureza do seu apostolado.

Nas outras epístolas ele se contenta em descrever-se como "chamado para ser apóstolo" (Rm 1:1), ou "chamado pela vontade de Deus, para ser apóstolo de Jesus Cristo" (1 Co 1:1). Ou, sem mencionar a sua vocação, ele se intitula "apóstolo de Cristo Jesus pela vontade (ou 'ordem') de Deus" (cf. 2 Co 1:1; Ef 1:1; Cl 1:1; 1 Tm 1:1; 2 Tm 1:1).

Aqui, entretanto, no início da Epístola aos Gálatas, ele desenvolve a descrição que faz de si mesmo. Paulo faz uma declaração enérgica de que seu apostolado não é humano em qualquer sentido, mas essencialmente divino. Literalmente, ele diz que é um apóstolo "não da parte de homens, nem por intermédio de homem algum". Isto é, ele não fora designado por um grupo de homens, como os doze ou as igrejas de Jerusalém ou de Antioquia, nem

como, por exemplo, o Sinédrio Judaico designava apóstolos, delegados oficiais comissionados para viajar e ensinar em nome dele. O próprio Paulo (como Saulo de Tarso) fora um destes, conforme verificamos em Atos 9:1,2. Mas ele não fora designado para o apostolado cristão por um grupo de homens qualquer.

Da mesma forma, considerando a origem divina de sua nomeação apostólica, esta não lhe fora concedida por qualquer mediador humano individual, como no caso de Ananias, Barnabé ou qualquer outro.

Paulo insiste em que os seres humanos nada tinham a ver com o seu apostolado. Sua comissão apostólica não era humana, nem direta nem indiretamente; era totalmente divina.

Em suas próprias palavras, ela lhe fora concedida por Jesus Cristo, e por Deus Pai, que o ressuscitou dentre os mortos. Apenas uma preposição é usada: "por Jesus Cristo, e por Deus Pai". Mas o contraste com a frase "da parte de homens" e "por intermédio de homem" dá a ideia de que o comissionamento apostólico de Paulo não veio de homens, mas de Deus Pai, não através de um homem, mas através de Jesus Cristo (inferindo, a propósito, que Jesus Cristo não é apenas um homem). Sabemos que isso é verdade. Deus Pai escolheu Paulo para ser apóstolo (sua vocação foi "pela vontade de Deus") e o designou para esse cargo através de Jesus Cristo, o qual ele ressuscitou dos mortos.

Foi o Senhor ressuscitado quem o comissionou na estrada para Damasco, e Paulo se refere a essa visão do Cristo ressuscitado como sendo uma condição essencial do seu apostolado (veja 1 Co 9:1; 15:8,9).

Por que Paulo declarava e defendia assim o seu apostolado? Será que ele não passava de um fanfarrão, cheio de vaidade pessoal? Não.

Será que aqueles homens se atreviam a desafiar sua autoridade por mera provocação? Não.

Era porque o evangelho que ele pregava estava em jogo. (Problema de autores pós ressurreição)

Se Paulo não fosse um apóstolo de Jesus Cristo, então as pessoas poderiam rejeitar o seu evangelho - e sem dúvida o fariam. Mas já que o que ele transmitia era a mensagem de Cristo, ele não podia suportar tal rejeição. Por isso ele defendia a sua autoridade apostólica, a fim de defender a sua mensagem.

Essa autoridade especial e divina do apóstolo Paulo bastava por si mesma para desacreditar e acabar com certas opiniões modernas sobre o Novo Testamento. Mencionarei duas delas.

a. A opinião radical

A opinião dos teólogos radicais modernos pode ser simplesmente exposta da seguinte maneira: os apóstolos foram simples testemunhas de Jesus Cristo que viveram no primeiro século. Nós, por outro lado, somos testemunhas do século XX, e o nosso testemunho é tão bom quanto o deles, se não melhor. Portanto, tais estudiosos, ao lerem passagens das

epístolas de Paulo das quais não gostam, dizem: "Bem, essa era a opinião de Paulo. A minha é diferente." Falam como se fossem apóstolos de Jesus Cristo e como se tivessem a mesma autoridade do apóstolo Paulo para ensinar e decidir o que é verdadeiro e certo. Eis um exemplo de um radical contemporâneo: "S. Paulo e S. João", escreve ele, "foram homens com paixões iguais às nossas. Por maior que fosse sua inspiração... sendo humanos, também tinham seus interesses pessoais, dos quais nem eram conscientes. Devemos preferir o nosso próprio gosto à autoridade dos apóstolos de Cristo.

O professor C. H. Dodd, que contribuiu grandemente para o movimento da teologia bíblica, escreve, no entanto, na introdução ao seu comentário da Epístola aos Romanos: "Às vezes eu penso que Paulo está errado, e me arrisco a dizê-lo."² Mas nós não temos liberdade de pensar assim. Os apóstolos de Jesus Cristo foram únicos: únicos na sua experiência do Jesus histórico, únicos na sua visão do Senhor ressuscitado, únicos em sua comissão através da autoridade de Cristo. Não podemos exaltar nossas opiniões acima das opiniões deles nem reivindicar que a nossa autoridade é tão grande quanto a deles, pois as opiniões e a autoridade deles foram as opiniões e a autoridade de Cristo. Assim como nós nos submeteríamos à autoridade de Cristo, devemos nos submeter à autoridade deles. Como ele mesmo disse: "Quem vos recebe, a mim me recebe" (Mt 10:40; Jo 13:20).

b. A opinião católico-romana

Os católicos romanos ensinam que, considerando que os autores da Bíblia eram clérigos, foi a igreja que escreveu a Bíblia. Portanto, a igreja está acima da Bíblia e tem autoridade, não somente para interpretá-la como também para fazer-lhe acréscimos. Mas afirmar que a igreja escreveu a Bíblia induz ao erro. Os apóstolos, autores do Novo Testamento, foram apóstolos de Cristo, não da igreja, e escreveram suas cartas como apóstolos de Cristo, não da igreja. Paulo não iniciou sua epístola dizendo: "Paulo, apóstolo da igreja, comissionado pela igreja para escrever a vós, gálatas". Pelo contrário, ele teve o cuidado de afirmar que sua comissão e sua mensagem vinham de Deus; não provinham de qualquer pessoa ou grupo humano, como a igreja, por exemplo. Veja também os versículos 11 e 12.

Portanto, a opinião bíblica assinala que os apóstolos derivaram sua autoridade de Deus através de Cristo. A autoridade apostólica é autoridade divina. Não é humana, nem eclesiástica. E, sendo divina, temos de nos submeter a ela. Passamos assim das credenciais de Paulo como autor para o seu propósito em escrever, e de sua autoridade para o seu evangelho.

O Evangelho de Paulo (vs. 3, 4)

Graça a vós outros e paz da parte de Deus nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo... Não são termos formais e sem sentido. "Graça" e "paz", embora sejam palavras comuns, estão impregnadas de conteúdo teológico.

Na verdade, elas resumem o evangelho da salvação pregado por Paulo. A natureza da salvação é paz, ou reconciliação: paz com Deus, paz com os homens, paz interior. A fonte da salvação é a graça, o favor livre de Deus, independente de

qualquer mérito ou obras humanas, sua benevolência para com os que não merecem. E esta graça e paz fluem tanto do Pai quanto do Filho.

Paulo passa imediatamente ao grande evento histórico no qual a graça de Deus foi exibida e do qual deriva a Sua paz, isto é, a morte de Jesus Cristo na cruz: o qual se entregou a si mesmo pelos nossos pecados, para nos desarraigar deste mundo perverso, segundo a vontade de nosso Deus e Pai (versículo 4). Embora Paulo tenha declarado antes que Deus Pai ressuscitou Cristo dos mortos (versículo 1), agora ele escreve que é através da Sua entrega para morrer na cruz que Jesus nos salva. Consideremos o rico ensinamento que temos aqui acerca da morte de Cristo.

a. Cristo morreu pelos nossos pecados

O caráter de Sua morte é indicado pela expressão o qual se entregou a si mesmo pelos nossos pecados. A morte de Jesus Cristo não foi primordialmente uma demonstração de amor, nem um exemplo de heroísmo, mas, sim, um sacrifício pelo pecado. O Novo Testamento nos ensina que a morte de Cristo foi uma oferta pelo pecado, o único sacrifício através do qual os nossos pecados poderiam ser perdoados e esquecidos. Esta grande verdade não é explicada nesta passagem, porém mais adiante na Epístola (Gl 3:13) somos informados de que Cristo realmente se tornou "maldição em nosso lugar". Ele tomou sobre a sua justa pessoa a maldição ou o juízo que nossos pecados mereciam.

Martinho Lutero comenta que "estas palavras são verdadeiros trovões do céu contra todo tipo de justiça", isto é, contra toda forma de justiça própria.

Uma vez sabendo que Cristo "se entregou a si mesmo pelos nossos pecados", entendemos que somos pecadores, incapazes de nos salvar, e deixamos de confiar em nós mesmos e em nossa justiça.

b. Cristo morreu para nos libertar deste mundo

Se a natureza da morte de Cristo na cruz foi "pelos nossos pecados", seu objetivo foi "nos libertar deste mundo perverso" (versículo 4).

O verbo libertar "dá a tônica da epístola". "O evangelho é uma libertação", "uma emancipação de um estado de servidão", servidão ao pecado.

Romanos 6:6

O Cristianismo é, de fato, uma religião de libertação. O verbo neste versículo é enfático e é usado em Atos referindo-se à libertação dos israelitas da escravidão egípcia (Atos 7:34), à libertação de Pedro da prisão e da mão do rei Herodes (Atos 12:11), e à libertação de Paulo da multidão enfurecida que estava para linchá-lo (Atos 23:27). Este versículo em Gálatas é a única passagem em que o termo é usado metaforicamente como salvação. Cristo morreu para nos libertar.

Do que ele nos liberta através da sua morte? Não exatamente deste mundo perverso, pois o propósito de Deus não é nos tirar do mundo; temos de permanecer nele como "a luz do mundo" e "o sal da terra". Mas Cristo morreu para nos libertar

"deste mundo mau", ou, como talvez deveria ser traduzido, "desta presente dispensação do maligno", uma vez que este (o diabo) é o seu senhor.

I João 5:19

Deixe-me explicar. A Bíblia divide a história em duas dispensações: "esta dispensação" e "a dispensação futura". Além disso, ela nos diz que "a dispensação futura" já chegou, porque Cristo a inaugurou, embora a atual dispensação ainda não tenha chegado ao fim.

Marcos 1:15

As duas dispensações, portanto, acontecem paralelamente.

Elas se sobrepõem. Conversão cristã significa libertação da antiga dispensação e transferência para a nova dispensação, "a dispensação futura".

E a vida cristã consiste em viver nesta dispensação a vida da dispensação futura.

O propósito da morte de Cristo não foi, portanto, apenas nos dar o perdão, mas, depois do perdão, proporcionar-nos uma nova vida, a vida da dispensação futura. Cristo se entregou a si mesmo pelos nossos pecados, para nos desarraigar desta presente dispensação maligna.

c. Cristo morreu de acordo com a vontade de Deus

Tendo considerado a natureza e o objetivo da morte de Cristo, analisemos agora sua fonte ou origem. Ela aconteceu segundo a vontade de nosso Deus e Pai. Tanto o nosso resgate desta dispensação maligna quanto os meios pelos quais ele foi efetuado estão de acordo com a vontade de Deus.

Isaías 53:10-12

Certamente não são segundo a nossa vontade, como se tivéssemos alcançado nossa própria libertação. Também não são apenas segundo a vontade de Cristo, como se o Pai relutasse em agir.

Na cruz, a vontade do Pai e a vontade do Filho estavam em perfeita harmonia.

Jamais devemos supor que o Filho se ofereceu para fazer alguma coisa contra a vontade do Pai, ou que o Pai exigiu do Filho alguma coisa contra a própria vontade deste. Paulo escreve que o Filho "sacrificou-se" (versículo 4a) e que esse auto sacrifício foi "segundo a vontade de nosso Deus e Pai" (versículo 4b).

Resumindo, este versículo nos ensina que a natureza da morte de Cristo é um sacrifício pelo pecado, que o Seu objetivo é a nossa libertação desta atual dispensação maligna, e que a Sua origem é a vontade cheia de graça do Pai e do Filho.

Conclusão

O que de fato o apóstolo faz nestes versículos introdutórios da Epístola é traçar três estágios da ação divina para a salvação do homem.

O primeiro estágio é a morte de Cristo pelos nossos pecados, a fim de nos libertar desta presente dispensação maligna.

O segundo estágio é a designação de Paulo como apóstolo para dar testemunho de Cristo, que morreu e ressuscitou.

O terceiro estágio é o dom de graça e paz que foi dado a nós, os que cremos, dom esse que Cristo obteve e do qual Paulo dava testemunho.

Em cada um desses três estágios, o Pai e o Filho agiram ou continuam agindo juntos. A morte de Jesus pelo pecado foi um ato de auto sacrifício e segundo a vontade de Deus Pai. A autoridade apostólica de Paulo foi "por Jesus Cristo, e por Deus Pai, que o ressuscitou dentre os mortos". E a graça e a paz que desfrutamos como resultado também são "de Deus nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo".

Que coisa maravilhosa! Eis o nosso Deus, o Deus vivo, o Pai e o Filho, operando em graça para a nossa salvação. Primeiro, Ele o fez na história, na cruz.

Depois, Ele o anunciou nas Escrituras através dos Seus apóstolos escolhidos.

E, hoje, Ele o concede na experiência dos crentes.

Cada estágio é indispensável. Não poderia haver experiência cristã hoje sem a obra única de Cristo na cruz, especialmente testemunhada pelos apóstolos.

O Cristianismo é uma religião tanto histórica como experimental.

Na verdade, uma de suas principais glórias é esse casamento entre a história e a experiência, entre o passado e o presente. Jamais devemos tentar divorciá-los.

Não podemos ignorar a obra de Cristo nem o testemunho dos apóstolos de Cristo, se quisermos desfrutar hoje a graça e a paz.

Não é de estranhar que Paulo conclua o seu primeiro parágrafo com uma doxologia (foi uma fórmula de louvor e glorificação frequente no Antigo Testamento aplicada a heróis e heroínas (p.ex., Judite) e principalmente a Deus. No Novo Testamento,): a quem seja a glória (a glória que Lhe é devida, a glória que Lhe pertence) pelos séculos dos séculos. Amém.